



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

KATHERINE MANSFIELD

FESTA NO JARDIM
E OUTROS CONTOS



KATHLEEN MANSFIELD BEAUCHAMP (conhecida como Katherine Mansfield) nasceu em Wellington, na Nova Zelândia, em 1888. Foi a terceira dos seis filhos de Annie e Harold Beauchamp, cujo sucesso bancário sustentava o prestígio da família. Mansfield teve uma infância próspera, terminando os seus estudos em Londres, em 1903. É neste período marcante que Mansfield decide tornar-se escritora. Quando regressa a casa, três anos depois, vê-se incapaz de se readaptar à sociedade oca e sufocante de Wellington e, em 1908, volta para Londres, não mais regressando à sua terra natal. Na década seguinte, Mansfield leva uma vida boémia. As suas relações românticas escandalizam a época, e, nas suas viagens pela Europa, entra em contacto com influentes artistas e intelectuais. Em 1910 torna-se colaboradora da revista *New Age* e, no ano seguinte, publica a sua primeira coleção de contos: *In a German Pension* (1911), obra que mais tarde descreveria como «imatura». Em 1912 começa a escrever para a revista *Rhythm*, depois renomeada como *The Blue Review*. Aí trabalha com o editor John Middleton Murry, com quem casaria em 1918. Porém, em 1915, a morte do seu irmão Leslie num incidente militar choca Mansfield. A autora começa a refletir sobre a sua infância na Nova Zelândia, época que inspiraria vários dos seus contos mais reconhecidos, como *Prelúdio* (1916), que publica a pedido de Virginia Woolf, uma das suas mais célebres admiradoras. Em 1917, é-lhe diagnosticada tuberculose, doença que se revelaria fatal. Apesar de viver os seus últimos anos consumida pela busca de uma cura, estes são também os anos literariamente mais frutuozos. Em 1921 publica *Felicidade e Outros Contos*, e no ano seguinte *Festa no Jardim e Outros Contos* (1922), que cristalizam a sua evolução como escritora, tanto na maturidade do pensamento como na habilidade estilística. Mansfield morre em 1923, em Fontainebleau, França. *O Ninho da Pomba e Outras Histórias* (1923), *Algo Infantil e Outros Contos* (1924), excertos de diários e cartas são publicados postumamente por Murry, que recorda a qualidade «essencial» da escritora como «um tipo de pureza», uma clareza de voz cujas imagens delicadas realçam a visão cortante que deixa da sua era. Katherine Mansfield continua a ser internacionalmente celebrada como uma das figuras definitivas do modernismo.

ALDA RODRIGUES nasceu em 1973. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (variante Português-Inglês). Entre 1996 e 2006 trabalhou em lexicografia a tempo inteiro, altura em que foi responsável pela coordenação de edição ou atualização de vários dicionários. Entre 2007 e 2015 fez um mestrado e um doutoramento em Teoria da Literatura; a tese de mestrado é sobre o papel das palavras no cinema; a tese de doutoramento é sobre coleções e museus. Nos últimos anos, tem-se dedicado exclusivamente à tradução literária. Traduziu autores como Marilynne Robinson, Stanley Cavell, Patrick Leigh Fermor, Henry David Thoreau, Jane Austen e Ben Lerner. Escreve a coluna «Faca de Papel» para a revista *Forma de Vida* e é autora do blogue *Cinéfilo Preguiçoso*, com Alexandre Andrade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
FESTA NO JARDIM E OUTROS CONTOS	1
Na Baía	7
Festa no Jardim	53
As Filhas do Falecido Coronel	73
O Sr. e a Sr. ^a Pombo	101
A Rapariga	115
A Vida de Ma Parker	125
Um Casamento Moderno	135
A Viagem	151
A Menina Brill	165
O Seu Primeiro Baile	173
A Lição de Canto	185
O Desconhecido	195
Feriado Oficial	213
Uma Família Ideal	221
A Criada e a Senhora	231
MAIS TRÊS CONTOS	239
Prelúdio	241
O Cansaço de Rosabel	297
Felicidade	307
NOTAS DE TRADUÇÃO	325

INTRODUÇÃO

É possível que muitos leitores tenham contactado indirectamente com Katherine Mansfield (1888-1923), ou com um prolongamento da sua influência, antes de terem lido algum texto dela ou até de saberem que existia. Mansfield não faz parte do grupo de nomes que costumam ser indicados em primeiro lugar quando se fala de «grandes escritores» ou «escritores do cânone»: tem um perfil diferente daqueles que o tempo e a crítica consagraram como mais importantes.

Nasceu na Nova Zelândia, no seio de uma família abastada e com prestígio social — mas, desde os quinze anos, viveu em Inglaterra e noutras partes do mundo, sem nunca se fixar em lado algum durante muito tempo. Teve uma vida breve (morreu com trinta e cinco anos), em que produziu textos relativamente curtos. Era mulher e escreveu muitas vezes sobre mulheres, situando as personagens masculinas num plano paralelo que muitos homens escritores costumam reservar para as personagens femininas. Por outras palavras, não se pode circunscrevê-la a determinado país nem integrá-la sem atrito numa suposta literatura nacional — processo que durante muito tempo foi uma abordagem crítica privilegiada. Por falta de tempo de vida e/ou de inclinação, não desenvolveu as formas literárias longas que costumam impressionar. E preocupou-se com assuntos menores (leia-se «coisas de mulheres»), em vez de abordar os grandes temas da humanidade (leia-se «coisas de homens», tradicionalmente encaradas como «assuntos de interesse geral»).

Estes são alguns dos motivos que explicam o facto de ser pouco conhecida.

As características que antes empurravam Mansfield e outras escritoras para um plano secundário são precisamente aquelas que agora nos levam a recuperá-la. Quando a recuperamos, deparamos com textos surpreendentemente singulares, alguns dos quais parecem isentos da lei do tempo, na medida em que poderiam ter sido escritos no presente, ou em qualquer ponto do futuro.

Ainda que tenha criado textos intemporais, Mansfield marcou a sua época. Os contemporâneos comentavam as suas facetas mundanas, irónicas, excêntricas, intensas e desconfiadas, descrevendo-a por vezes como «aventureira». Era considerada uma conversadora brilhante, fazia as delícias do grupo de Bloomsbury e conviveu com escritores como Virginia Woolf (1882-1941) e D. H. Lawrence (1885-1930), na obra dos quais detetamos a sua influência. Por estes motivos, é possível que, antes de chegarmos a algum texto de Katherine Mansfield, tenhamos lido outro inspirado por ela ou em que está presente, sem sabermos.

A relação entre Katherine Mansfield e Virginia Woolf é interessante por vários motivos, não sendo o mais despiendo o facto de serem duas mulheres que se viam acima de tudo como escritoras, considerando menores todas as outras dimensões das suas vidas. Em julho de 1918, a primeira publicação da Hogarth Press, editora fundada por Virginia e Leonard Woolf, foi um volume de 64 páginas com o conto «Prelúdio» (incluído nesta antologia). Quando, em novembro de 1919, Mansfield escreveu sobre o romance *Night and Day* (1919) na revista *Athenaeum*, descreveu Woolf como uma Jane Austen dos tempos modernos («*Miss Austen up-to-date*») — muito culta, distinta e inteligente, mas, acima de tudo, ponderada e fria. Sabemos que Virginia Woolf toma em consideração não só este comentário, mas também os próprios contos de Mansfield, por quem várias vezes reconhece sentir admiração e até inveja¹. Nos romances posteriores, Woolf abandona os moldes narrativos convencionais. *Jacob's Room* (1922),

o seu romance seguinte, já é um livro diferente, em que, libertando-se do enredo, explora cenas impressionistas mais imediatas. Não sabemos o que Katherine Mansfield poderia ter escrito se vivesse mais tempo, mas sabemos que Woolf escreveu os seus melhores romances depois de *Jacob's Room* e nos anos que Mansfield não teve.

Quem leu o romance *Women in Love* (1920), de D. H. Lawrence, com certeza recorda Gudrun como uma das personagens femininas visualmente mais distintivas da literatura inglesa, no sentido em que se impõe imediatamente à nossa imaginação, pelo facto de Lawrence a descrever prestando particular atenção à sua indumentária. Por exemplo, «[o vestido de Gudrun] era de popelina verde, complementado por um casaco volumoso às riscas verde-escuras e castanho-escuras largas. O chapéu era de palha clara e esverdeada, da cor do novo feno, adornado com uma fita entrançada preta e laranja; as meias eram verde-escuras; os sapatos, negros»; ou «[Gudrun] trazia um vestido azul-escuro de seda, com guarnições em linho com renda azul e verde no pescoço e nas mangas, e usava meias verde-esmeralda»². De acordo com alguns críticos e biógrafos, esta personagem, e a sua relação com Gerald em *Women in Love*, teria sido inspirada por Mansfield e pela sua relação com John Middleton Murry (de quem falaremos a seguir). Lawrence teve uma longa amizade (com alguns altos e baixos) com este casal, de quem chegou a ser vizinho, quando viveram na Cornualha. Mansfield ocupava um lugar tão especial na imaginação de Lawrence, que Gudrun não foi a única personagem que inspirou. Reencontramos a aparência física da autora, ou algumas histórias e experiências de vida que ela terá contado a Lawrence, noutros momentos da obra deste escritor, como em certos episódios da vida de Ursula, no romance *The Rainbow*; na Anabel da peça *Touch and Go*; ou na Ellen do conto «The Fox». Graças a Lawrence, ficamos com uma boa ideia da presença física da escritora.

É óbvio que John Middleton Murry (1889-1957), ensaísta, crítico e coordenador de várias publicações literárias, nos interessa

também. Apesar de não se ter destacado tanto como Woolf e Lawrence, foi importante para Mansfield, tanto por ter partilhado a vida e a atividade literária com ela como por ter coordenado a publicação da sua obra, fazendo algumas opções controversas após a morte da escritora. Mansfield conheceu Murry em 1911, quando já publicava em revistas. Iniciou com ele uma relação (também com altos e baixos) que passaria pelo casamento, celebrado em 1918, e duraria até ao fim da vida da escritora. Não foi um casamento convencional (tiveram outros amantes, além de viverem temporadas separados, não só porque a tuberculose de Mansfield a obrigava a passar longos períodos fora de Inglaterra), mas é relevante por ter sido mediado pelos interesses literários e também por uma prolífica troca de correspondência — os dois são sempre escritores em primeiro lugar, e só depois marido e mulher.

Sobre Mansfield, Murry escreveu, em *Between Two Worlds*, que uma das características que mais o cativavam era o facto de ela «de algum modo, não ser mulher em primeiro lugar». Alguns estudiosos interessaram-se por (supostas) ligações amorosas de Katherine Mansfield com outras mulheres, mas nas palavras de Murry sobre Mansfield parece estar em questão uma dimensão diferente, artística, considerada mais importante do que qualquer questão sexual ou de género.

Numa carta com data de 8 de novembro de 1908, endereçada a Garnet Trowell, Mansfield já apresenta uma ideia clara sobre o que a motiva a viver e a escrever: «Oh, Garnet, porque apreciamos tanto as emoções fortes? Parece-me que é por transmitirem uma sensação tão penetrante de *Vida* — uma crença violenta na nossa própria Existência. Uma coisa não consigo suportar: o medíocre; interessa-me ter uma apreensão forte da Vida, por isso intensifico as chamadas pequenas coisas — para que tudo seja realmente importante.» A estratégia de Mansfield para resistir ao «medíocre» é observar as «pequenas coisas» — que a mediocridade não abrange porque nem sequer se interessa por elas. Prestar mais

atenção ao universo feminino é uma opção artística, de resistência à mediocridade, funcionando também como forma de intensificação das experiências de escrever e ler.

Claire Tomalin, biógrafa de Katherine Mansfield, sublinha o contraste que existe entre a vida da autora e o tom impessoal da sua ficção. Entre 1908 e 1909, Mansfield viveu uma série de experiências com consequências que marcaram o resto da sua vida: com vinte anos, já morando em Londres, longe da família, engravidou de Garnet Trowell, seu amigo de infância; casou com um conhecido que não era o pai da criança; abandonou o marido, fugindo para a Baviera; sofreu um aborto espontâneo; tornou-se amante de um polaco que a contagiou com gonorreia; e foi excluída pela mãe do testamento que lhe daria acesso a uma parte da fortuna da família. Julga-se que a gonorreia a terá tornado não só infértil, mas também mais vulnerável a vários achaques e doenças posteriores, entre as quais a tuberculose, patologia diagnosticada em 1917 e que haveria de ser responsável pela sua morte prematura, em 1923. Além disso, sem acesso ao dinheiro da família, Mansfield enfrentou várias vezes dificuldades financeiras ao longo da vida, que também devem ter afetado a sua saúde. Com este percurso marcado pelo sofrimento físico, é surpreendente que a sua obra não assuma uma vertente mais descontente e ressentida.

Sem dúvida, alguns episódios ou constantes da vida de Mansfield inspiraram determinados contos. Alguns dos seus melhores textos, como «Na Baía», «Prelúdio» ou «Festa no Jardim», recordam a sua infância na Nova Zelândia. A existência quase nómada desta escritora reflete-se no seu interesse por alojamentos temporários, pela sensação de falta de pertença, e pelo olhar do estrangeiro ou de alguém que está de fora. O seu desprezo pelas convenções é bem claro em contos como «Felicidade». Ainda assim, está ausente da sua obra o ritmo punitivo que a sua vida assumiu depois de ela deixar o seu país de origem, em busca de uma existência livre de papéis femininos convencionais. Tomalin salienta que, apesar de esta escritora ter tido um percurso

semelhante ao de uma heroína de um romance vitoriano — por cada passo em falso, recebeu uma punição cruel —, a sua obra permanece impermeável à moralização e à sentimentalização fáceis.

Publicada em 1922, um ano antes da morte da autora, e no mesmo ano de *Ulysses*, de James Joyce, e *The Waste Land*, de T. S. Eliot, a antologia *Festa no Jardim e Outros Contos* foi o terceiro volume de contos de Mansfield e ilustra bem as capacidades da escritora. Aqui encontramos textos que hão de surpreender sempre os leitores, independentemente da data em que forem lidos, como «Na Baía», «Festa no Jardim», ou «A Viagem»; alguns retratos de grupo ou de determinada secção da sociedade, como em «Um Casamento Moderno» ou «Feriado Oficial»; e também textos que podem ser descritos como estudos de personagens femininas, entre os quais «A Vida de Ma Parker», «A Menina Brill», ou «A Criada e a Senhora», figuras próximas daquelas que os leitores portugueses poderão reencontrar, por exemplo, na obra de Maria Judite de Carvalho (1921-1998) — frequentemente mulheres pobres, velhas e sozinhas que Mansfield, em vez de tratar como meras criaturas dignas de pena, mostra que, no seu desamparo inconformado e na garra com que resistem, são iguais a tantos de nós, mulheres e/ou homens.

Para complementar esta antologia, e também com o objetivo de tornar mais claras algumas das linhas fundamentais da obra da autora, na secção «Mais Três Contos», foram acrescentados três textos à edição original de *Festa no Jardim e Outros Contos*: «Prelúdio», texto incluído na antologia *Bliss and Other Stories* (1920), depois de inaugurar a Hogarth Press, e que, com «Na Baía», fazia parte de um projeto de romance, intitulado *The Aloe*, que John Middleton Murry publicou depois da morte de Mansfield; «O Cansaço de Rosabel», publicado pela primeira vez na antologia *Something Childish and Other Stories* (1924), embora se pense que foi escrito antes de 1908; e «Felicidade», publicado originalmente na *English Review*, em agosto de 1918, e depois incluído na antologia *Bliss and Other Stories* (1920).

«O Cansaço de Rosabel» e «Felicidade» formam uma espécie de díptico sobre o desejo feminino e o contraste entre a vida interior e a vida exterior das mulheres. Rosabel é definida tanto através das condições materiais mesquinhas da sua vida exterior como por meio da sua vida interior, muito diferente da outra, graças aos sonhos e fantasias, embora também estes sejam banais e limitados. Em «Felicidade», Bertha Young, uma dona de casa abastada, compara a vida (ou tudo o que nela é mais importante) a um violino precioso que é preciso manter fechado num estojo, enquanto exteriormente se cultivava uma existência convencional. Em ambos os casos, no entanto, temos mulheres entre parênteses, debatendo-se com dificuldades em integrar determinadas dimensões da existência que parecem não ter o direito de expressar. Destaca-se o parágrafo de «O Cansaço de Rosabel» que é constituído por uma única frase entre parênteses, em que a vida real e a vida imaginada da protagonista colidem, graças aos devaneios sexuais da personagem: «(A verdadeira Rosabel, a rapariga agachada no chão, no escuro, riu-se alto e tapou a boca quente com a mão.)» Também em «Felicidade» há uma colisão equivalente, entre a fantasia e a realidade, quando a protagonista percebe que os caminhos do desejo e o que atrai as pessoas entre si são mais tortuosos do que inicialmente pensara.

«Prelúdio», em articulação com «Na Baía», confirma a dimensão universal da obra de Mansfield, mostrando como esta assenta frequentemente na reapropriação da atmosfera e de determinados temas dos contos de fadas, sempre exacerbados pela presença, lembrança ou sugestão da morte. Nestes e noutros contos, Mansfield trabalha de modo hábil alguns elementos de contos de fadas e fábulas, e também outros lugares-comuns literários, reinterpretando-os ou reintegrando-os na vida das personagens e recontextualizando o seu significado na narrativa. Explorando poeticamente os momentos de estranheza em que as vidas parecem dissolver-se, revela a intensidade dos sentimentos fora da teia das convenções, antes de as vidas voltarem a recuperar a definição.

O seu talento assenta na capacidade de descrever o que escapa aos outros.

Tanto em «Prelúdio» como em «Na Baía», a atenção da narrativa transita sem atrito de uma personagem para outra, e mesmo animais, bebés, plantas ou desenhos no papel de parede parecem dotados de vida, intenções, pensamentos ou palavras próprios, como acontece nos contos de fadas. Em «Prelúdio», as personagens femininas, numa espécie de identidade familiar partilhada por diferentes eus fragmentários, representam não só as diferentes fases da vida dos seres humanos (infância, fim da adolescência, idade adulta e velhice), mas também diferentes papéis sociais e individuais (filha, irmã, mãe, tia, avó, empregada e — pasme-se — até uma mulher sem vocação maternal, essa personagem tão rara). Ao contrário do que se verifica nos contos de fadas, não há, no entanto, qualquer lição a retirar destes textos. Temos apenas a já referida «apreensão forte da Vida», intensificada pelas «pequenas coisas» que outros escritores poderiam deixar escapar.

Seria possível ler este volume seguindo a presença, mais clara ou mais subtil, da morte em cada texto. Em «Festa no Jardim», a celebração referida no título realiza-se num dia em que um vizinho morre, perto do jardim. Depois da festa, Laura, uma das protagonistas, visita a casa em que se faz o velório. O morto com que Laura se confronta parece-lhe uma espécie de Bela Adormecida: «Viu um jovem profundamente adormecido — num sono tão profundo, tão pesado, que estava longe, bem longe de ambas. Oh, tão distante, tão em paz! Sonhava. Nunca mais o acordem. Tinha a cabeça afundada na almofada, os olhos fechados — cegos, por trás das pálpebras fechadas. Estava totalmente entregue àquele sonho. Que lhe importavam as festas no jardim, os cestos e os vestidos de renda? Estava longe disso tudo. Era maravilhoso, belíssimo.» Esta imagem, despertando Laura, desencadeia nela uma espécie de revelação sobre a vida. O estatuto de «Bela Adormecida» é assim partilhado pelas duas personagens: o homem que parece dormir e a rapariga que compreende alguma coisa que não consegue sequer traduzir em palavras.

Em «A Viagem», um dos textos aparentemente mais simples, mas também mais belos, deste livro, narra-se a viagem de barco de uma menina que perdeu a mãe. A menina faz a travessia de noite, com a avó. Tudo o que acontece é corriqueiro, mas parece dotado de uma aura misteriosa pelo seu olhar de estranheza e pela atenção com que observa os mínimos pormenores do que a rodeia. (É um olhar semelhante ao de Kezia quando esta, em «Prelúdio», vagueia pela casa vazia que a família acabou de desocupar.) Depois da chegada ao destino, ao nascer do dia, a casa da avó poderia ter saído de um conto de fadas, mas enquanto nos contos de fadas estas casas aparentemente encantadoras acabam por se revelar perigosas para as crianças, aqui o pior já passou: a morte ficou para trás; é o início de uma nova vida.

Em «O Desconhecido», outro conto relacionado com uma viagem de barco, o «Desconhecido» do título é uma espécie de personificação da morte, lembrando certas personagens misteriosas das fábulas. O lugar-comum do triângulo amoroso é transfigurado pelo facto de um dos vértices ser a morte, não uma pessoa. Mansfield trabalha perspicazmente os sentimentos e o desejo de posse de um marido em relação à mulher, para depois transformar os seus ciúmes em algo mais complexo, abrangente e universal, que é o medo da morte. Ao mesmo tempo, o desejo de posse de outra pessoa é confirmado como, em última instância, impossível.

O conto «As Filhas do Falecido Coronel», sobre duas irmãs de uma certa idade que acabaram de perder o pai, a quem haviam dedicado toda a vida, é considerado um dos textos tecnicamente mais sofisticados da autora, pelo facto de acompanhar o fluxo do pensamento e da incredulidade das protagonistas, com todas as suas associações aparentemente aleatórias e estranhas, perante a ideia da morte de alguém tão importante para elas. Uma das características mais impressionantes do conto é o trabalho subtil que Mansfield efetua sobre a linguagem, sem precisar do fogo de artifício e das frases desconstruídas do monólogo interior. Os diálogos assumem laivos que nos habituámos a descrever como

beckettianos, com repetições absurdas e réplicas sem conteúdo, em que as personagens se esquecem do que iam dizer, ou perdem a coragem de o dizer, ou concluem que não é importante e não servirá de nada.

Por ter escrito contos, por ter sofrido uma morte prematura, associada à tuberculose, e por se ter interessado por Tchékhov (1860-1904), tendo até sido acusada de plágio de um dos seus textos, Mansfield é muitas vezes comparada com este escritor russo, mas, enquanto os contos deste autor expressam uma identidade cultural e nacional muito forte, os textos desta escritora são mais difíceis de circunscrever porque parecem desligados de coordenadas tão concretas e assumem uma visão panorâmica, mais atenta à essência dos dramas humanos.

Elizabeth Bowen (1899-1973), outra grande contista que merece mais atenção, salienta que Mansfield alterou para sempre a nossa ideia do que pode ser um conto, ao suprimir uma grande parte das convenções formais da narrativa, eliminando preâmbulos, apresentações, análises psicológicas e reflexões moralizantes ou de teor aforístico. Os seus contos caracterizam-se acima de tudo pela concisão. Muitas vezes, uma frase basta para percebermos uma personagem ou situação. A quem traduz, é exigido um cuidado especial não só com a preservação da beleza poética do texto original, sem escamotear as idiosincrasias literárias ou linguísticas que o distinguem, mas também com a singularidade das percepções da autora e com a precisão lexical que molda a caracterização das personagens³.

O que nos interessa ainda em Katherine Mansfield, cem anos depois da publicação de *Festa no Jardim e Outros Contos*? Sem dúvida, impressiona-nos a vida da autora, pela sua brevidade e também invulgaridade, tendo em conta que se trata de uma mulher que viveu entre fins do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Interessa-nos o impacto e a influência literária que teve nos seus contemporâneos, sobretudo por muitas vezes chegar até nós por essas vias travessas, apesar de nem sempre termos

consciência disso. Importa, no entanto, que estas singularidades biográficas não nos distraiam da forma como a obra de Mansfield, movendo-se numa esfera quase impessoal e transcendendo as circunstâncias históricas em que teve de se desenvolver, nos revela a nós mesmos, mostrando em ação personagens simultaneamente tão diferentes de nós, nos seus caprichos e em toda a sinceridade com que se encaram em determinados momentos, e tão parecidas conosco no modo como continuam a viver, apesar das dificuldades que enfrentam. Acima de tudo, o que surpreende e cativa é a obra de Mansfield — que poderá continuar a espantar, se os extensos volumes de correspondência da escritora forem mais lidos, estudados, comentados e traduzidos.

Alda Rodrigues

NOTAS

¹ Veja-se, por exemplo, a entrada de 16 de janeiro de 1923 no seu diário, na altura em que Woolf toma conhecimento da morte de Mansfield: «Ainda me ocorrem questões de escrita sobre as quais gostava de falar com a Katherine [...] E tinha inveja dos textos dela — são os únicos textos que alguma vez me fizeram sentir inveja.»

² Todas as traduções incluídas neste prefácio são minhas.

³ Uma nota apenas para salientar que, sempre que possível, a tradução preservou os jogos de pronúncia, mas, por haver diferenças lexicais e culturais entre a língua inglesa e portuguesa, algumas ocorrências foram sacrificadas quando se julgou que a fluidez da leitura e o significado do texto seriam desnecessariamente prejudicados.

INTRODUÇÃO

*

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

The Collected Letters of Katherine Mansfield, Ed. Vincent O'Sullivan e Margaret Scott, Oxford: Oxford University Press, vol. 1, 1984; vol. 2, 1987; vol. 3, 1993; vol. 4, 1996.

The Katherine Mansfield Notebooks, ed. Margaret Scott, Minneapolis: University of Minnesota Press: 2002.

The Stories of Katherine Mansfield, ed. Anthony Alpers, Oxford: Oxford University Press, 1984.

*

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL

ALPERS, Anthony, *Katherine Mansfield: A Biography*, Londres: Viking Press, 1982.

BODDY, Gill, *Katherine Mansfield: The Woman and The Writer*, Harmondsworth: Penguin, 1988.

BOWEN, Elizabeth, «A Living Writer» in *Cornhill Magazine*, n.º 1010 (inverno de 1956-1957): 120-130.

KAPLAN, Sydney Janet, *Katherine Mansfield and the Origins of Modernist Fiction*, Ithaca: Cornell University Press, 1991.

KOBLER, J. F., *Katherine Mansfield: A Study of the Short Fiction*, Boston: Twayne Publishers, 1990.

MURRAY, Heather, *Double Lives: Women in the Stories of Katherine Mansfield*, Dunedin: University of Otago Press, 1990.

MURRY, John Middleton, *Between Two Worlds: An Autobiography*, Jonathan Cape, 1935.

NEW, W. H., *Reading Mansfield and Metaphors of Form*, Montreal: McGill-Queen's University Press, 1999.

O'CONNOR, Frank, *The Lonely Voice: A Study of the Short Story*, Londres: Macmillan, 1963.

TOMALIN, Claire, *Katherine Mansfield: A Secret Life*, Londres: Viking, 1987.

Festa no Jardim
e Outros Contos

Para John Middleton Murry

*Montaigne dit que les hommes vont béant
aux choses futures; j'ai la manie de béer
aux choses passées.¹*

Na Baía

I

De manhã, muito cedo. O Sol ainda não tinha nascido e toda a baía de Crescent estava oculta sob uma neblina branca vinda do mar. Por trás, as grandes colinas cobertas de mato sufocavam. Não se percebia onde estas terminavam e os cercados e *bungalows* começavam. A estrada arenosa desaparecera e também os cercados e os *bungalows* do outro lado; para lá deles, já não se viam as dunas brancas cobertas de ervas avermelhadas; nada identificava o que era a praia e onde estava o mar. Tinha caído um orvalho copioso. A erva estava azul. Havia grandes gotas suspensas dos arbustos e simplesmente não caíam; prateados e penugentos, os penachos pendiam sobre as hastes compridas, e todas as calêndulas e cravinas nos jardins dos *bungalows* se curvavam para a terra com a humidade. Encharcadas estavam a frias fúcsias; pérolas redondas de orvalho repousavam nas folhas rasas das capuchinhas. Era como se o mar tivesse crescido suavemente na escuridão, como se uma vaga enorme se tivesse encrespado, encrespado... até onde? Se calhar, quem tivesse acordado a meio da noite teria visto um peixe enorme aparecer à janela e depois voltar a desaparecer...

Ah, ah, ah!, soava o mar sonolento. E, do mato, chegou o som dos regatozinhos que fluíam depressa, com leveza, deslizando entre as pedras macias, jorrando para bacias cheias de fetos, saindo a jorrar outra vez; ouvia-se o chape das gotas grandes caindo sobre as folhas grandes, e outra coisa mais — o que era? —: um ligeiro remexer e tremer, um ramo a partir e, depois, um silêncio tal, que se diria que alguém escutava.

Mesmo ao lado da baía de Crescent, entre os montes de rochas quebradas e empilhadas, apareceu um rebanho de ovelhas dando passinhos curtos. Estavam bem juntas, num agregado pequeno e lanugento em movimento, e as pernas finas como paus trotavam rapidamente, como se o frio e o sossego as tivessem assustado. Atrás corria também um velho cão pastor, com as patas encharcadas e sujas de areia, de focinho no chão, mas descuidadamente, como se pensasse noutra coisa. E depois o próprio pastor apareceu, na abertura entre os rochedos. Era um velho magro e muito direito, com um casaco de burel revestido de uma teia de gotas minúsculas, calças de veludo atadas abaixo do joelho, e um chapéu mole, com um lenço azul dobrado em redor da aba. Levava uma mão entalada no cinto, enquanto a outra empunhava um cajado amarelo admiravelmente polido. E, avançando com todo o vagar, assobiava muito leve e suavemente, um som aflautado, etéreo e longínquo que parecia melancólico e terno. O velho cão fez uma ou duas cabriolas das antigas, mas depois, envergonhado daquela leviandade, endireitou-se bruscamente e deu uns poucos passos cheios de dignidade ao lado do dono. As ovelhas corriam para a frente em pequenas investidas de passinhos; quando baliam, mandadas e rebanhos fantasmagóricos respondiam-lhes do fundo do mar. *Bé-é! Bé-é!* Durante algum tempo pareceram não sair da mesma zona. À frente, estendia-se a estrada arenosa, com poças pouco fundas; de ambos os lados, surgiam os mesmos arbustos encharcados e as mesmas paliçadas entre as sombras. Depois ergueu-se uma coisa imensa — um gigante enorme e desgrehado, de braços estendidos. Era o eucalipto alto à frente da loja da Sr.^a Stubbs; quando passaram, sentiram o seu aroma forte. E então grandes manchas de luz cintilaram na neblina. O pastor parou de assobiar; com a manga húmida, esfregou o nariz vermelho e a barba humedecida e, estreitando os olhos, olhou para o mar. O Sol nascia. Foi maravilhoso ver a rapidez com que a neblina se rarefez, deslocando-se depressa para longe e dissolvendo-se na planície rasa, enrolando-se a partir do mato e desaparecendo como se estivesse

cheia de pressa para fugir; formaram-se grandes espirais e volutas, que embateram umas nas outras e se empurraram à medida que os feixes prateados engrossavam. O céu longínquo — um azul luminoso e puro — refletiu-se nas poças, e as gotas, deslizando pelos cabos do telégrafo, tremeluziram, transformando-se em pontos de luz. Então, o mar palpitante, a brilhar, tornou-se tão luminoso, que olhar para ele fazia doer a vista. Do bolso do peito, o pastor tirou um cachimbo com um forninho do tamanho de uma bolota, bateu à procura do tabaco mosqueado, tirou umas poucas aparas e encheu o forninho. Era um velho circunspecto e bonito. Quando acendeu o cachimbo e o fumo azul lhe rodeou a cabeça como uma coroa, o cão, contemplando-o, pareceu orgulhoso dele.

Bé-é! Bé-é! As ovelhas espalharam-se como um leque a abrir-se. Já tinham passado para lá da colônia de férias quando o primeiro entre os que dormiam se virou e levantou uma cabeça sonolenta; as criancinhas, ouvindo estes balidos em sonhos, estenderam os braços, para puxarem para elas os cordeirinhos amorosos e lanugentos do sono e os abraçarem. Foi então que apareceu o primeiro habitante; era *Florrie*, a gata dos Burnells, empoleirada no pilar do portão, como sempre demasiado cedo, pois queria avistar a rapariga do leite. Quando viu o velho cão pastor, levantou-se de repente, arqueou o dorso, e retraiu a cabeça malhada com o que pareceu um pequeno arrepio de contrariedade.

— Uf! Que criatura grosseira e nojenta! — disse *Florrie*.

Mas o velho cão pastor passou sem olhar para cima, todo lampeiro, esticando as pernas. Só uma das suas orelhas se crispou, para provar que tinha visto *Florrie* e a achava uma jovem fêmea pateta.

A brisa da manhã levantou-se no mato e o cheiro das folhas e da terra negra e húmida misturou-se com o odor penetrante do mar. Miríades de aves cantavam. Um pintassilgo voou por cima da cabeça do pastor, empoleirou-se na ponta de um raminho, e virou-se para o sol, tufando as penas do peitinho. Entretanto já tinham passado pela cabana do pescador e pelo pequeno barracão com aspeto chamuscado onde Leila, a rapariga do leite, vivia com

a velha avó. As ovelhas dispersaram por uma zona pantanosa amarela e *Wag*, o cão pastor, foi atrás delas, reuniu-as e orientou-as para a passagem mais íngreme e estreita pela qual se saía da baía de Crescent em direção à enseada de Daylight. *Bé-é! Bé-é!* Débeis se tornaram os balidos à medida que percorriam o caminho que secava depressa. O pastor guardou o cachimbo, enfiando-o no bolso do peito de modo a deixar o forninho de fora. Logo recomeçou o assobiar suave e etéreo. *Wag* correu ao longo de um ressalto na rocha, para localizar alguma coisa que cheirava mal, e regressou, enojado. Depois, atropelando-se, aos encontrões, com pressa, as ovelhas dobraram a curva e o pastor seguiu-as, desaparecendo de vista.

II

Poucos minutos depois, a porta das traseiras de um dos *bungalows* abriu-se e um vulto de fato de banho às riscas largas irrompeu pelo cercado fora, saltou a barreira, atravessou rapidamente a erva cerrada até à ravina, subiu a custo o outeiro arenoso, e correu a toda a pressa por cima das rochas porosas e do cascalho frio e húmido, em direção à areia dura que rebrilhava como óleo. Chape-chape! Chape-chape! A água borbulhou em torno das pernas de Stanley Burnell, quando este, exultante, avançou a patinhar pela água dentro. Era o primeiro a entrar, como sempre! Tinha chegado outra vez antes dos outros. E mergulhou, para molhar a cabeça e o pescoço.

— Viva, irmão! Viva, Todo-Poderoso! — tonitruou por cima da água uma voz grave e aveludada.

C'os diabos! Maldição! Levantando-se, Stanley viu uma cabeça escura a boiar ao longe e um braço erguido. Era Jonathan Trout — tinha chegado antes dele!

— Que manhã esplêndida — cantarolou a voz.

— Sim, excelente! — respondeu Stanley laconicamente. Por que diabo não se restringia aquele sujeito à zona que lhe cabia no mar? Porque tinha de invadir precisamente o sítio dele? Stanley agitou os pés, deu um mergulho, avançou e nadou, projetando os braços por cima dos ombros. Mas Jonathan era um rival à altura. Lá apareceu também, de cabelo negro molhado sobre a testa e com a barba curta húmida.

— Na noite passada, tive um sonho extraordinário! — exclamou.

Qual era o problema daquele homem? Esta mania da conversa irritava Stanley solenemente. E era sempre a mesma coisa — sempre umas baboseiras sobre sonhos, sobre alguma ideia excêntrica que lhe tivesse ocorrido ou qualquer treta que andasse a ler. Stanley virou-se de barriga para cima e bateu as pernas até se transformar numa tromba-d'água viva. Mesmo assim...

— Sonhei que estava suspenso de um penhasco tremendamente alto, a gritar para alguém lá em baixo. — «Não admira!», pensou Stanley. Não aguentava mais. Parou de bater as pernas.

— Ouça, Trout — disse —, hoje de manhã estou com bastante pressa.

— Está O QUÊ? — Jonathan ficou tão surpreendido, ou fingiu ficar, que se afundou na água, reaparecendo depois a cuspir.

— Só estou a dizer — retorquiu Stanley — que não tenho tempo para... para... para... disparates. Quero despachar isto. Estou com pressa. Tenho coisas para fazer hoje de manhã... Percebe?

Jonathan desapareceu antes de Stanley terminar.

— Força, amigo! — respondeu amavelmente a voz grave. E ele deslizou para longe, através da água, sem causar quase nenhuma ondulação... Mas, maldito sujeito! Tinha estragado o banho de Stanley. Que idiota sem espírito prático era aquele homem! Stanley avançou outra vez mar adentro e depois, com a mesma rapidez, nadou para a praia e subiu depressa o areal. Sentia-se defraudado.

Jonathan ficou mais algum tempo na água. Boiou, movendo suavemente as mãos como barbatanas e deixando o mar embalar-lhe o corpo comprido e magro. Curiosamente, apesar de tudo, simpatizava com Stanley Burnell. É verdade que às vezes sentia uma vontade diabólica de o arreliar, de troçar dele, mas, no fundo, tinha pena do sujeito. Havia qualquer coisa de patético na sua determinação em transformar tudo numa tarefa. Sentia-se inevitavelmente que um dia seria apanhado e, nessa altura, que extraordinária queda seria a dele! Nesse momento, uma onda enorme levantou Jonathan, passou para lá dele, e rebentou na praia com um som de júbilo. Que beleza! E depois veio outra. Assim se devia viver: gastando quem somos descuidadamente, imprudentemente. Pôs-se de pé dentro de água e começou a avançar em direção à praia, pressionando com os dedos a areia firme e enrugada. Viver com descontração, não lutar contra o fluxo e refluxo da vida, mas sim entregarmo-nos a ele — isso é que era preciso. Aquela tensão não fazia bem. Viver... viver! E a manhã perfeita, tão fresca e bela, inundada de luz, como que a rir-se da sua própria beleza, pareceu sussurrar: «Porque não?»

Já fora de água, no entanto, Jonathan ficou azul por causa do frio. Sentiu dores no corpo todo; foi como se alguém lhe espremesse o sangue do corpo. E, subindo pelo areal a tremer, com todos os músculos tensos, também ele sentiu que o banho se estragara. Tinha ficado demasiado tempo na água.

III

Beryl estava sozinha na sala de estar quando Stanley apareceu, de fato de sarja azul, colarinho engomado e gravata às pintinhas. Parecia quase sinistramente limpo e escovado; ia passar o dia na cidade. Deixando-se cair na cadeira, tirou o relógio e pousou-o ao lado do prato.

— Só tenho vinte e cinco minutos — anunciou. — Podes ir ver se as papas de aveia estão prontas, Beryl?

— A mãe foi agora mesmo tratar disso — respondeu Beryl. Sentou-se à mesa e serviu-lhe chá.

— Obrigado! — Stanley tomou um gole. — Ui! — exclamou, em tom de espanto. — Esqueceste-te do açúcar.

— Oh, desculpa! — Mesmo assim, Beryl não pôs açúcar; passou-lhe o açucareiro por cima da mesa. O que queria isto dizer? Enquanto Stanley se servia, os seus olhos azuis dilataram-se; pareceram palpitar. Lançou um olhar rápido à cunhada e recostou-se.

— Não há problema, pois não? — perguntou em tom despreocupado, apalpando o colarinho.

Beryl estava cabisbaixa; revirava o prato nas mãos.

— Nenhum — respondeu em tom ligeiro. Depois também ela olhou para Stanley e sorriu. — Porque haveria?

— O-oh! Por absolutamente razão nenhuma, tanto quanto sei. Pareceu-me que estavas com um ar um pouco...

Nesse momento, a porta abriu-se e apareceram as três meninas, cada uma com um prato de papas de aveia. Estavam vestidas de igual, de camisola azul e calções que deixavam ver as pernas morenas; e as três tinham o cabelo entrançado e preso, num penteado chamado rabo de cavalo com trança. Mais atrás, vinha a Sr.^a Fairfield, com o tabuleiro.

— Com cuidado, meninas — avisou. Mas elas tomavam o maior cuidado. Adoravam que as deixassem transportar coisas. — Já disseram bom dia ao pai?

— Sim, avó. — Instalaram-se no banco em frente ao de Stanley e Beryl.

— Bom dia, Stanley! — A velha Sr.^a Fairfield passou-lhe o prato.

— Bom dia, mãe! Como vai o menino?

— Excelente! Só acordou uma vez ontem à noite. Que manhã perfeita! — Com o pão de forma na mão, a velha senhora fez uma pausa para olhar para o jardim pela porta aberta. O mar fazia-se ouvir. Entrando pela porta escancarada, o sol jorrava sobre

as paredes amarelas e o chão despido. Tudo o que estava em cima da mesa cintilava e reluzia. No centro, destacava-se uma antiga saladeira com capuchinhas amarelas e vermelhas. A Sr.^a Fairfield sorriu, com um brilho de profunda satisfação no olhar.

— Pode cortar-me uma fatia desse pão, mãe? — perguntou Stanley. — Só faltam doze minutos e meio para a diligência passar. Alguém entregou os meus sapatos à criada?

— Sim, estão prontos. — A Sr.^a Fairfield continuou imperturbável.

— Oh, Kezia! Porque és uma menina tão trapalhona?! — exclamou Beryl, em desespero.

— Eu, tia Beryl? — Kezia olhou para ela, espantada. Que tinha feito agora? Limitara-se a abrir um rego no meio das papas, que depois enchera, e agora comia a partir das margens. Mas todas as manhãs fazia o mesmo e até aqui ninguém tinha dito nada.

— Porque não comes como deve ser, como fazem a Isabel e a Lottie?

Os adultos são tão injustos!

— Mas a Lottie faz sempre uma ilha flutuante, não é, Lottie?

— Eu não faço — salientou Isabel, em tom inteligente. — Limito-me a pôr açúcar e leite, e depois como. Só os bebés brincam com a comida.

Stanley empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Não se importa de ir buscar os tais sapatos, mãe? E, Beryl, se já terminaste, podes dar uma corrida até ao portão e mandar parar a diligência? Isabel, vai depressa perguntar à tua mãe onde puseram o meu chapéu de coco. Espera aí... As meninas estiveram a brincar com a minha bengala?

— Não, pai!

— Mas eu deixei-a ali. — Stanley já se encolerizava. — Lembra-me perfeitamente de a deixar naquele canto. Quem a tem agora? Não há tempo a perder. Despachem-se! É preciso encontrar a bengala.

Até Alice, a criada, foi convocada para a busca.

— Por acaso não a tem usado para atizar o fogo na cozinha? Stanley irrompeu pelo quarto em que Linda estava deitada.

— Que coisa extraordinária! Não consigo ter uma única coisa que seja só minha. Agora levaram-me a bengala!

— Bengala, querido? Que bengala? — O alheamento de Linda nestas ocasiões não podia ser a sério, decidiu Stanley. Será que ninguém o entendia?

— Vem aí a diligência! A diligência, Stanley! — gritou do portão a voz de Beryl.

Stanley acenou para Linda.

— Não há tempo para despedidas! — exclamou. E disse isto para a castigar.

Arrebatou o chapéu de coco, saiu porta fora e investiu pelo carreiro do jardim. Sim, a diligência esperava, e Beryl, apoiada no portão aberto, ria-se com alguém, como se nada fosse. A desumanidade das mulheres! Davam por adquirido que os homens tinham o dever de trabalhar para elas como escravos, enquanto elas nem sequer se dignavam a verificar se uma bengala se teria perdido. Kelly passou a chibata pelos cavalos.

— Adeus, Stanley! — exclamou Beryl em tom doce e alegre. Não custava dizer adeus! E ali ficou, sem fazer nada, protegendo os olhos da luz com a mão. O pior era que também Stanley tinha de gritar adeus, para salvaguardar as aparências. Depois viu-a virar costas, dar um saltinho e regressar a casa a correr. Estava contente por se livrar dele!

Se estava! Entrando a correr na sala de estar, Beryl exclamou:

— Já foi!

Linda perguntou do quarto:

— Beryl! O Stanley já foi?

A velha Sr.^a Fairfield apareceu, com o menino de casaquinho de flanela.

— Já foi?

— Já!

«— Mas é impensável fazermos uma festa
no jardim quando está um homem morto
à nossa porta.»

Nesta coleção de contos, a última que publicou em vida, a neozelandesa Katherine Mansfield aplica o seu talento literário em subtis retratos dos pequenos dramas mundanos: a delicada ingenuidade com que a colisão de classes é vivida no conto titular, *Festa no Jardim*; o vulto do patriarca e o choque da sua ausência em *As Filhas do Falecido Coronel*, a exaustão da busca por afeto e privacidade, na história *A Vida de Ma Parker*.

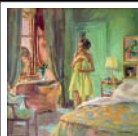
Pioneira do conto modernista, Mansfield encontra na natureza sintética dessa forma uma ambiguidade libertadora. Para lá superfície do mundo que representa, a autora encontrou, nas hesitações e dúvidas de uma personagem, nas omissões e implicações de um texto, as realidades inarticuláveis, mas profundamente humanas, que dão vida aos seus contos. É por esta capacidade, de escutar além do que é dito, de imaginar além do que fica impresso, que continua a ser uma das vozes mais celebradas do Modernismo.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução e introdução de Alda Rodrigues



Louise
(óleo sobre cartão).
William Ireland (1927-2015)

© Bridgeman Images

ISBN 9789897846656



9 789897 846656 >

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)



Penguin
Random House
Grupo Editorial